



**A CONSTRUÇÃO DA LEITURA:
um olhar sobre a realidade do 2º ano do Ensino Fundamental**

Letícia Caroline Lopes*

Sandra Luzia Wrobel Straub**

RESUMO

O artigo discorre sobre a construção da leitura, pesquisa de caráter qualitativo, caracterizada como Estudo de Caso. A pesquisa foi realizada em duas Escolas Municipais de Educação Básica do Município de Sinop, Mato Grosso, com professores e alunos do 2º ano do Ensino Fundamental. Teve como objetivo compreender os aspectos relacionados ao processo da construção da leitura no ambiente escolar. Embasou-se em teóricos como: Maria Helena Martins e Luiz Carlos Cagliari. Constatou-se que há fatores que influenciam o processo da construção da leitura, além do que a escola e os professores podem oferecer.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Leitura. Professores e alunos.

1 INTRODUÇÃO

A leitura tem grande importância na vida de um indivíduo, uma vez que lhe proporciona o crescimento intelectual, social, cultural, promovendo-o para a vida.

Enquanto bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES/MEC) pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), que procura estabelecer um vínculo e parceria entre ensino superior e escolas municipais de educação básica na cidade de Sinop, observou-se a dificuldade apresentada pelos alunos na atividade de apoio escolar. Assim, com a experiência vivida na escola, surgiu a proposta de investigação que resultou no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que apresenta parte

* Graduada de Pedagogia. Pertence ao Grupo de Estudos da Professora Dr.^a Sandra Luzia Wrobel Straub. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID - CAPES/MEC).

** Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Coordenadora do Programa de Formação de Células Cooperativas (FOCCO) – Sinop-MT. Líder do Grupo de Pesquisa Educação Científico-Tecnológica e Cidadania.

neste artigo. Em processo investigativo buscou-se compreender como se dá a construção da leitura no 2º Ano do Ensino Fundamental, acreditando que seja nessa fase que a leitura se desenvolve de forma sistematizada para as crianças. Interessou, ainda, conhecer a metodologia do professor regente da sala, os espaços da leitura e materiais que a escola disponibiliza aos seus alunos. Nesse sentido, foi desenvolvido entrevistas com perguntas semiestruturadas com professores e alunos, bem como observação nas salas de aula das escola campo.

O lócus da pesquisa foi a realidade educacional dos alunos do 2º Ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal de Educação Básica Basiliano do Carmo de Jesus, localizada na rua 3 s/n no Residencial Lisboa e a Escola Municipal de Educação Básica Aleixo Schenatto, localizada na rua das primaveras nº 1770, Jardim Jacarandás, ambas na cidade de Sinop-MT.

2 A LEITURA NO PROCESSO ESCOLAR

2.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO COTIDIANO DA VIDA DAS PESSOAS

O ato de ler faz parte do nosso cotidiano, pois quando saímos de casa nos deparamos, até o nosso destino, com placas, *outdoor*, faixas, anúncios, e que muitas vezes é necessário que as entendamos, assim podemos dizer que é de extrema importância que tenhamos o domínio da leitura tão necessário para uma prática ativa na sociedade.

A leitura costumava ser vista apenas como a decodificação das palavras, hoje tem um sentido mais amplo, é usada no nosso cotidiano e de essencial importância na nossa vida.

Nos dias atuais é preciso ir além dos códigos, pois o meio que nos rodeia exige de nós o conhecimento e habilidade dessa técnica para que possamos ser ativos na sociedade. A leitura é inquestionavelmente de extrema importância na vida de uma pessoa. É através dela que a criança conhece o mundo que a rodeia, aprende a ser crítica e criativa. Assim entendemos que os educadores poderiam possibilitar aos alunos o estímulo e métodos para que a aprendizagem da leitura ocorresse de forma mais eficiente, que não fosse apenas como decodificação, mas por meio de uma aprendizagem significativa e concreta, em que o educando fosse estimulado ao pensar, ao questionar o mundo que o rodeia.

2.2 A LEITURA NA ESCOLA

Assim como a escrita, a leitura é um objeto do processo de ensino e aprendizagem na etapa da alfabetização. Nesse sentido cabe a escola promover espaços de aprendizagem, propor atividades diversificadas que possam favorecer a participação do aluno em diferentes práticas de leitura.

Porém, a construção da aprendizagem da leitura no espaço escolar deve vir junto com o sentido do por que está aprendendo, para que esta aprendizagem não fique separada, solta sem um significado para a criança. Martins (2006, p. 26, grifo do autor) afirma que por vezes “prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o *porquê, como e para quê*, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade”. Essa afirmação da autora, aponta para a questão que ainda está presente na cabeça de muitos educadores, da leitura apenas como decodificação das palavras, e nos mostra que precisamos ir além desse conceito, precisamos ver a leitura como algo importante, que se aprende de forma sistematizada na escola, mas que tem sentido mais amplo fora dela, deve-se mostrar a criança o uso social da leitura para a vida em sociedade.

Autores como Góes (1991) e Martins (2006) e, ainda, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (1997) defendem que por vezes a escola não tem contribuído de forma efetiva para formação de leitores, na escola os professores parecem ter a preocupação de que seus alunos consigam decodificar. Por vezes a leitura é tomada como obrigação, cobrança de uma atividade, como afirma Góes (1991, p. 38) que “muitos leem sem entusiasmo, mas como obrigação para conseguir nota. A atitude geral é de desengano, de obrigatoriedade cumprida penosamente. Se pudessem, os alunos escolheriam outras obras e não as indicadas”. Ainda sobre as leituras na escola, Martins (2006, p. 28) coloca que por vezes essas leituras não estão ligadas ao que a criança vive fora do ambiente escolar:

O que é considerado matéria de leitura, na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação de massa, enfim, pelo contexto geral em que os leitores se inserem. Contexto esse permanentemente aberto a inúmeras leituras. Não é de admirar, pois, a preferência pela leitura de coisas bem diferentes daquelas impostas sala de aula, sem a cobrança inevitável, em geral por meio das execráveis ‘fichas de leitura’.

Nesse sentido a escola deve estar atenta na hora da leitura, o professor precisa se preocupar no momento da opção da leitura, na escolha de livros que seja de acordo com a faixa etária de seus alunos, mas quem deve ter a possibilidade de escolha do que ler é o próprio aluno. Acredita-se que dessa forma o aluno possivelmente tenha prazer em pegar o

livro e lê. Sabemos que durante o processo de ensino na escola precisamos ler para realizar certa atividade, mas se queremos formar leitores competentes devemos dedicar aos alunos um espaço próprio para leitura sem obrigação em nosso planejamento, para que o aluno adquira o prazer pela leitura.

Os PCN's (BRASIL, 1997, p. 41) apontam para formação de leitores competentes, destacando que:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.

Infelizmente podemos perceber o quão longe a escola parece estar de proporcionar aos nossos alunos espaços e aprendizagem de leituras que formem leitores competentes onde o aluno leia e interprete o que lê. Por vezes vemos na escola a leitura apenas como decodificação.

2.3 LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

Por vezes o conceito de leitura foi confundido pelas escolas e professores que tinham como preocupação alfabetizar seus alunos como metas curriculares a cumprir. Para tanto, não se importavam com o letramento, alfabetizavam sem letrar, leitura apenas como decodificação dos códigos como já citado anteriormente. De acordo com os PCN's (BRASIL, 1997, p. 42),

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler.

Nesse sentido Magda Soares (2004, p. 14) conceitua a alfabetização como “aquisição do sistema convencional da escrita” e o letramento sendo o “desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita” e aponta que nas últimas décadas houve uma mistura nesses dois processos, dando mais ênfase a um do que a outro, ou até mesmo tratando os dois como se fossem apenas um, formando assim crianças que sabiam ler e escrever, porém não conseguiam fazer as devidas interpretações sobre o texto lido. Esse processo acaba por provocar nas crianças

um grande desinteresse pelo ato de ler, uma vez que a leitura torna-se apenas um processo de reconhecimento dos códigos, afetando o domínio da leitura nas crianças, ou até mesmo formando crianças com analfabetismo funcional.

Sendo assim, é preciso trabalhar a alfabetização juntamente com o letramento, não basta saber ler como decodificação, é preciso fazer a interpretação, trabalhar com as crianças a importância do uso da escrita e da leitura no seu cotidiano. Magda Soares (2004, p. 15), sugere que o professor trabalhe “integrando alfabetização e letramento, sem perder, porém a especificidade de cada um desses processos”, deixando claro que os dois devem caminhar um ao lado do outro, a criança deve aprender a ler e escrever, fazendo as interpretações, extraindo as informações do texto. Dentro das atividades de alfabetização e letramento é necessário que o professor exponha para as crianças os significados das atividades para sua vida, para o seu cotidiano, dialogando inclusive sobre a sua importância, fazendo assim, a atividade torna-se significativa, interessante para a criança. Segundo Bettelheim e Zelan (1984, p. 40):

A maioria das pessoas somente lerá caso achar que a leitura é pessoalmente válida, todos os esforços desde o princípio do ensino da leitura deveriam ser dirigidos para esse objetivo. Ao contrário, desgraçadamente a leitura é com mais frequência ensinada como decodificação, e a decodificação é essencialmente uma atividade sem sentido- um processo de mero reconhecimento- no qual nós nos engajamos por alguma razão externa, como quando a professora nos exige essa tarefa.

Sendo assim as leituras devem ser direcionadas as crianças com a intenção de despertar nelas o interesse, a curiosidade, para que as mesmas procurem sempre ler mais, procurar novos livros, novas histórias, novas leituras. A escola e os professores devem possibilitar leituras e espaços que vá além dos livros didáticos, que vá além da obrigatoriedade imposta pela escola, pelos professores, leituras que por vezes não fazem sentido para as crianças. Permitir e incentivar leituras de jornais, de revistas, de livros em que as crianças escolham ler pelo simples fato de gostar, seja uma leitura, clássica, romântica, épica, leituras que façam sentidos para quem lê.

Por vezes, em muitas práticas se constata a prioridade do trabalho com a escrita em detrimento do trabalho com a leitura, ou seja, a escola dá ênfase nas atividades de aquisição da escrita enquanto que no aspecto da leitura acaba por se realizar um trabalho com menor aprofundamento. Entende-se que as consequências de tal opção desfavorece a construção de conhecimento da criança sobre a e pela leitura.

3 METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa, que de acordo com Triviños (1987, p. 131) “segue-se a mesma rota ao realizar uma investigação. Isto é, existe uma escolha de um assunto ou problema, uma coleta e análise das informações”, se caracteriza como estudo de caso e teve como objetivo compreender os aspectos relacionados ao processo da construção da leitura no ambiente escolar.

Os sujeitos da pesquisa foram professoras e alunos da Escola Municipal de Educação Básica Aleixo Schenatto, e da Escola Municipal de Educação Básica Basiliano do Carmo de Jesus, ambas na cidade de Sinop – MT.

Para a coleta de dados foram realizadas observações nas duas instituições campos, entrevistas com a professora regente, e 6 alunos das turmas pesquisadas. Durante observação utilizou-se de anotações principalmente dos momentos que eram destinados a leitura, a fim que resgatar os momentos mais importantes na análise de dados.

4 PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo foi realizada com o objetivo compreender os aspectos relacionados ao processo da construção da leitura no ambiente escolar. Para isso foram coletados os dados nas duas escolas campos. A pesquisa procurou responder a questões:

- Como os professores promovem espaços de construção da leitura em sala de aula incentivando a prática da leitura no ensino fundamental?
- Qual a importância dada à construção da leitura em sala de aula?

A pesquisa de campo teve a duração de 30 dias levando em conta a observação e entrevistas, que foram realizadas com professores e alunos do 2º Ano do Ensino Fundamental.

5 CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR

5.1 O ESPAÇO DA LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR

Dentro do que foi defendido neste trabalho, para a formação de leitores, para a construção da leitura é preciso haver espaços e recursos que favoreçam os alunos a desenvolver o hábito da leitura. Para Cagliari (2002, p. 148):

O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será

profundamente defeituosa e ele terá menos chances no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor.

Nesse sentido é considerável que o papel da escola deva ser de oportunizar os alunos com espaços e recursos que por vezes eles não têm a possibilidade de possuir fora do ambiente escolar, bem como bibliotecas com bons livros, cantinhos de leituras, e materiais que possam ser utilizados para realização da leitura, como fantasias, fantoches, contribuindo assim, na formação de bons leitores.

Percebeu-se na observação do processo educativo que o espaço da leitura fica restrito apenas à sala de aula, ambas as escolas não possuem uma biblioteca equipada para atender a necessidades dos alunos e professores. De acordo com Góes (1991, p. 34), “na biblioteca crianças que tiveram tantas dificuldades em seus lares, principalmente as dos meios com poucos recursos, poderiam se desenvolver. Essas crianças encontrariam, então no livro, sua entrada para um mundo mais amplo”, portanto, entende-se que toda a escola deveria ter uma biblioteca como afirmaram também as professoras, local em as mesmas poderiam levar os alunos, usufruir dos recursos da biblioteca e dos livros. Por outro lado, também, o professor e o bibliotecário estariam realizando um trabalho em conjunto e tão essencial para os alunos, e oportunizando aqueles que não têm acesso a livros em casa de se aprofundar nesse universo.

Como as escolas não possuem biblioteca e nem projeto algum de leitura, as professoras que contribuíram com a pesquisa, apontam que utilizam do que tem, em ambas as escolas a sala de aula possui o “cantinho da leitura”, utilizada pelas professoras nos horários propriamente destinados a leitura e para aqueles alunos que terminam a atividade primeiro, ou seja, este aluno poder ler algo enquanto os demais finalizam a tarefa.

5.2 O PROFESSOR E O ALUNO NO PROCESSO DA LEITURA

A partir das entrevistas e da observação notou-se que ambas as professoras tem preocupação com a leitura, e reconhecem-na como essencial na vida de qualquer indivíduo.

Ao longo das entrevistas, as respostas obtidas quanto ao questionamento o que é leitura, qual a sua importância e qual o maior desafio na alfabetização, ambas professoras entendem a leitura como algo importante para a vida fora do ambiente escolar. Nesse sentido, Cagliari (2002, p. 148) afirma que a leitura é

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. [...] a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma.

Outro ponto a ser destacado é a concepção de leituras das professoras que participaram do processo investigativo que vem no mesmo sentido que Magda Soares traz a questão da alfabetização e do letramento, ou seja, como processos que devem caminhar juntos, as professoras também trazem essa concepção de que leitura é o aluno compreender o que lê, e que a leitura é acima de tudo conhecimento.

Porém, trazem como desafios na alfabetização os diferentes níveis de aprendizado que os alunos se encontram, a falta de incentivo por parte dos pais, por motivos diversos, sejam eles a falta de tempo para com os filhos, a situação socioeconômica, que por vezes não podem custear livros para seus filhos ler em casa, pois de acordo com as professoras, os pais apontam que o alimento é mais importante e essencial que a aquisição de um livro.

No entanto, as professoras das escolas campo da pesquisa, apontam que tentam realizar o seu papel de alfabetizadoras da melhor maneira que cabem a elas, e acima de tudo enfatizam a leitura no sentido de uma educação libertadora como defendida por Paulo Freire. Para elas a leitura abre novos caminhos aos alunos, dá a eles a possibilidade de seguir um mundo e avançar as barreiras postas à sua frente, se libertar.

Ambas as escolas pesquisadas possuem turmas semelhantes, os níveis de aprendizagem são bem mesclados, alguns estão lendo fluentemente, outros decodificando ainda devagar e outros ainda não estão alfabetizados, o que é o maior desafio colocado pelas professoras.

Durante as observações notou-se que as crianças têm um interesse grande nos livros que ficam no ‘cantinho da leitura’, e pelos momentos propriamente destinados a leitura.

Percebeu-se que a hora que a professora conta a história no início da aula, os alunos ficam atentos a cada detalhe, questionam, perguntam, e quando a professora perguntava o que entenderam a grande maioria soube falar sobre a leitura realizada. Notou-se que os alunos faziam relações com outras histórias contadas pela professora em sala de aula, e no momento em que surgiam palavras novas que os alunos tinham conhecimento na professora explicava o significado da mesma.

Nas entrevistas verificou-se que os alunos, quando questionados se gostavam quando a professora lia para eles, as respostas foram múltiplas, apontando que quando a professora lê, você aprende palavras novas, desenvolve a aprendizagem, dá condições de ler placa, jornal, revistas.

Embora alguns não tenham ainda o domínio da leitura, já reconhecem a sua importância dentro e fora da escola. E como enfatizado pelas professoras e confirmado com

os alunos, não há uma participação efetiva dos pais no incentivo à leitura e a grande maioria não possui material de leitura em casa.

Observou-se nas atividades realizadas em sala e no próprio momento da leitura que alguns alunos, que ainda não estão alfabetizados, tem a leitura como algo extremamente difícil de aprender e por vezes com isso não se esforçam em tentar aprender, o que causa grande preocupação nas professoras.

6 CONCLUSÃO

Percebeu-se que as professoras de ambas as turmas tem empenho ao realizar o seu trabalho com os alunos, e demonstram preocupação com a aprendizagem e o desenvolvimento dos mesmos, porém enfrentam desafios e dificuldades que por vezes não estão ao alcance delas a solução.

A infraestrutura de ambas as escolas deixam a desejar em diversos aspectos. Embora as escolas possuem um acervo de livros consideravelmente bom, as crianças reclamam que os livros já foram lidos por eles e por vezes não se interessam mais em ler. Não há um espaço propício a leitura, uma biblioteca equipada com bons livros e bibliotecário para o auxílio do professor na escolha dos livros de acordo com a faixa etária das crianças. As escolas pesquisadas não possuem projetos de leituras, pois projetos assim, entendemos que poderiam auxiliar a minimizar a carência de materiais e de acesso aos livros pelas crianças.

Pode se concluir que o trabalho do professor como alfabetizador capaz de provocar em seus alunos o prazer pela leitura fica escasso em meios de tantos outros fatores que influenciam nesse processo, como os recursos que é preciso para formação de leitores competentes e o próprio papel dos responsáveis pelas crianças que não os incentiva para o hábito da leitura, por vezes em função da situação socioeconômica e pelo aspecto cultural.

THE CONSTRUCTION OF THE READING: a look at the reality of the 2º grade of elementary school

ABSTRAT¹

The article discusses the construction of reading research, qualitative character, characterized as a case study. The survey was conducted in two municipal schools of basic

¹ Tradução realizada pela Patrícia Aparecida da Silva (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

education of the city of Sinop, Mato Grosso, with teachers and pupils of the second grade of elementary school. Aimed to understand the aspects related to the construction process of reading in the school environment. Served in theorists such as: Maria Helena Martins and Lúcia Pimentel Góes. It was noted that there are factors that influence the construction process of reading, in addition to the school and teachers can offer.

Keywords: Elementary School. Reading. Teachers and students.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno; ZELAN, Karen. **Psicanálise da alfabetização**: um estudo psicanalítico do ato de ler e aprender. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília: MEC; SEF, 1997. v. 2. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2012.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Rev. Bras. Educ.**, Abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.